

Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira

Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: A Construção de uma Identidade Cultural na Madeira

No entanto, atravessando os séculos, afirmando-se com mais vigor nos decénios mais recentes, [...], a identidade colectiva cultural emerge hoje em dia mais densa e mais nítida, exigindo as primeiras aproximações de caracterização se bem que estas se apresentem sempre como propostas redutoras da realidade. Riscos a correr, naturalmente, ou, melhor, riscos que vale a pena correr...

João David Pinto-Correia¹

Tal como aconteceu nos Açores em 1830, é no contexto do Liberalismo que nasce a imprensa na Madeira, em 1821, com *O Patriota Funchalense*,² em prol de um regionalismo de defesa dos interesses locais. Multiplicam-se as gazetas e, em pleno romantismo tardio de expressão local, saem dos prelos insulares as compilações literárias³ *Flores da Madeira*,⁴ sendo o primeiro volume editado em

¹ João David Pinto-Correia, “Memória e identidade insulares” (*Aquarelas de Carlos Luz – Madeira 2000*, Funchal: SRTC / DRAC), pp. 13-26.

² Os periódicos locais têm-se apoiado, desde o *Patriota Funchalense*, sobre dois pilares: a defesa dos interesses da Madeira e a vocação informativa. Esta posição apresenta-se como a característica principal dos jornais da Ilha. Fora de Portugal continental, sabemos que oficinas impressoras tinham já sido montadas na Ásia, desde o século XVI, em territórios que passaram a estar sob a influência portuguesa. Dá-se, em 1808, a instalação das primeiras tipografias no Brasil, após a trasladação da Corte Portuguesa para o Brasil em 1807.

³ Exceptuando o *Romanceiro* por ser de natureza distinta, estas colectâneas expressam, de acordo com Maria Mónica Teixeira, os valores do romantismo madeirense que qualifica de “cristão, restaurador, historicista e burguês” – V. *Tendência da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX* (Funchal: Centro de Estudos da História do Atlântico / Região Autónoma da Madeira, 2005), p. 55.

⁴ José Leite Monteiro e Alfredo César de Oliveira, *Flores da Madeira*, “Poesias

1871 e o segundo, em 1872, a *Miscelânea Madeirense*,⁵ em 1877, o *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, publicado em 1880,⁶ e o *Álbum Madeirense*,⁷ em 1884. Com a República, a imprensa floresce, ao mesmo tempo que assume um destacado papel na promoção da cultura madeirense. Parece esmorecer na mudança para a ditadura em 1926, mas ganha novo fôlego a partir dos anos quarenta, assegurando, com maior ou menor intensidade, certa continuidade nesse esforço.

A comunicação escrita de natureza literária realizava-se, na ilha, em círculos restritos, pouco expansivos, com evidente amadorismo nalguns casos, quer em livros, quer em periódicos assim como em almanaques locais. Consoante o vigor da imprensa, assim palpitava a escrita literária. Até porque, como os periódicos do Continente chegavam à ilha por barco com o atraso inerente à viagem, havia maior interesse por parte dos leitores insulares na escrita do homem de letras / jornalista conterrâneo.

Na viragem do séc. XIX para o séc. XX, o espaço de leitura das obras literárias confinava-se à Biblioteca Municipal do Funchal,⁸ criada

de Diversos Autores Madeirenses” (Funchal: Typ. da Imprensa Livre), sendo a primeira série publicada em 1871 e a segunda em 1872.

⁵ Trata-se de uma encadernação (Funchal: s.n.) de fragmentos de periódicos reunidos por Álvaro Rodrigues de Azevedo (1825-1898), textos, na sua maioria, publicados na rubrica “folhetim do *Diário de Notícias*” nos anos 1876 e 1877, com escassas prosas breves mas com poemas vários em abundância. Quer parecer-nos que a maioria dos autores pertence ao “Grémio Literário e Recreativo do Funchal”, fundado em 1871, a saber: Joaquim Pestana, Jorge Luís Nóbrega, Marina S. F. Francisco Henrique Ornelas, Luís de Ornelas Pinto Coelho, Joana de Castelbranco, Arsénia de Bettencourt Miranda, D. Mariana Belmira d’Andrade, Eduardo E. de Carvalho, Manoel Alexandre de Sousa, António César Rodrigues, Jorge Magdalena, Faustino Brazão, Teotónio J. Pinheiro da Costa, Francisco Vieira, entre outros. O (único?) exemplar encontra-se em “mau estado” na Biblioteca Nacional de Lisboa (cota: L. 10651 P.).

⁶ Álvaro Rodrigues de Azevedo, *Romanceiro do Archipélago da Madeira* (Tipografia da “Voz do Povo”, 1880).

⁷ Francisco Vieira, *Álbum Madeirense*, “*Poesias de Diversos Autores Madeirenses*” (Funchal: Editor – M. J. Teixeira Jardim, Typ. Funchalenses, 1884).

⁸ No Funchal, a única biblioteca importante era a Biblioteca Municipal, criada a 12 de Janeiro de 1838. Outra biblioteca pública, criada no séc. XX por iniciativa da Diocese do Funchal era a *Utile Dulci* que ficava nas instalações do actual Museu

em 1838, a bibliotecas particulares,⁹ bem como às de instituições de ensino,¹⁰ aos periódicos difundidos pelos cafés e pelos postos do correio, às lojas e quiosques¹¹ e às habituais corporações de letrados. Até então, na Madeira,¹² é crível que o mercado do livro se resumisse ao livro escolar ou de referência, sendo este um artigo marginal, um bem espiritual destinado apenas a um grupo de amigos e familiares, à elite culta e abastada.¹³ O livro circulava, portanto, quase exclusivamente nas mãos de uma minoria privilegiada.

de Arte Sacra. Poucos dados dispomos acerca da sua história, sabemos, todavia, que era muito frequentada e apreciada pelos utentes. Em 1963, foi criada a rede de bibliotecas itinerantes, graças à Fundação Calouste Gulbenkian e ao empenhamento de algumas personalidades da Madeira, sendo a sua missão na ilha levar o livro aos lugares mais recônditos. A rede foi desactivada em 2002.

⁹ No ensaio “A Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e Artes”, Fernando Castelo-Branco adianta que esta sociedade chegou a criar uma biblioteca que, apesar de pertencer a uma associação privada, era pública: “Assim, a partir do dia 27 de Janeiro de 1823 e decerto até a Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e Artes ter deixado de existir [o que aconteceu meses depois, ainda nesse ano], graças ao seu empenhamento, a cidade dispôs de uma biblioteca pública. Foi decerto a primeira que teve, o que parece ter sido esquecido” – V. *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira* (Funchal: SRTCE – CEHA, 1989), p. 321. É também de assinalar a curiosa biblioteca instalada na cave da loja de vinhos “Diogo’s Wine”, a Biblioteca Mário Barbeito Vasconcelos, na Avenida Arriaga, nº 48, cujo acervo contém raríssimas peças de teatro em latim escritas e impressas por professores do Colégio dos Jesuítas do Funchal.

¹⁰ Nomeadamente, as bibliotecas do Seminário Episcopal, do Clube Inglês, do Liceu e da Escola Médica do Funchal.

¹¹ Relativamente ao Funchal, o escritor Horácio Bento de Gouveia refere, numa crónica em que remete para o tempo da sua adolescência (a segunda década do século passado), a “Loja Torres”, onde se compravam “cadernos de papel e livros” e o “Quiosque do Sr. Mesquita”, onde se compravam “jornais e livros” (V. *Canhenhos da Ilha*, Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1966, p. 70).

¹² Além dos raros quiosques e das lojas que vendiam um pouco de tudo, incluindo livros, em meados do século passado, tais como o Bazar do Povo, a Papelaria do Mercado, a Papelaria do Colégio e o Talassa, as livrarias eram, ao que parece, a “Casa Figueira”, estabelecimento fundado em 1886, e a “Papelaria Condessa”.

¹³ Parte da produção literária assentava e ainda assenta quer em edições de autor quer em publicações apoiadas, de algum modo, por instituições públicas e por entidades mecenas. Tal situação deu azo ao desenvolvimento de um mercado de livros raros, associados à Madeira, sustentado por coleccionadores bibliófilos, amantes da sua terra natal.

Embora sendo uma zona pouco estudada da recente história insular, tudo indica que o potencial cultural das ilhas, até meados do século XX, assentava no labor intelectual de padres, altas patentes militares,¹⁴ professores, advogados, jornalistas, raros autodidactas e filhos de família que iam para Portugal continental ou para a Europa cursar a Universidade.

Daí resulta naturalmente que, no tocante à ideologia social dominante, a sociedade madeirense se afigura tendencialmente puritana, mas transigente, conservadora, mas cosmopolita, liberal, mas conformista, elitista, mas pragmática, como deixam entrever os romances do quilate de *Eternidade* (1933) de Ferreira de Castro, *Nudez Uivante* (1983), de José Marmelo e Silva e *Uma Família Madeirense* (póstumo, 2005), de João França.

Serão estas, à partida, as coordenadas que enformam o público, a que se deverá juntar uma certa tradição de associativismo cultural, ora mais selecto e cerimonioso, nomeadamente com o Clube Funchalense¹⁵ e o Grémio Literário e Recreativo do Funchal, no século XIX, o Ateneu do Funchal e a Academia de Música e de Belas Artes, já no século XX; ora mais moderno, arejado e crítico, com o Cine-Fórum do Funchal, nos anos sessenta-setenta do século passado. Incontornável é também a vida cultural em torno dos vários teatros então existentes no dobrar do século XIX para XX (Teatro Esperança, Teatro Circo...) e a crescente população do Ensino Secundário (Seminário, Liceu, Escola Industrial), a partir de meados de novecentos, que constituem, com os autores e as suas obras a montante, um dos fundamentos do espaço literário¹⁶ em foco.

¹⁴ V., a esse respeito, João David Pinto-Correia, *Os Militares e a Literatura Madeirense – Reflexões e Notas* (Funchal: SRTC / DRAC, 1998).

¹⁵ De acordo com Paulo Esteiro, o Clube Funchalense foi fundado em 1839 e “era um clube elitista onde se realizavam jogos, danças e vários outros tipos de convívios sociais. O acesso ao clube era bastante restrito, sendo apenas admitidas pessoas do alto comércio funchalense, não sendo mesmo permitido o acesso aos lojistas e outros comerciantes de estabelecimentos mais humildes” (Cf. *Diário de Notícias* do Funchal, Revista, de 21 a 27 e Maio de 2006, p. 34).

¹⁶ A noção de espaço literário deve ser aqui entendida no sentido em que a definiu Pierre Bourdieu, em *Les Règles de l'art* (Paris: Minuit, 1992), o campo de produção cultural visto como um “univers social autonome”.

No período que vai de 1941 a 1960, à semelhança de iniciativas tomadas no Continente, designadamente pela Emissora Nacional, organizam-se jogos florais,¹⁷ saraus culturais e prémios literários. Saem do prelo monografias críticas sobre escritores madeirenses. Depois de realizada a “Semana do livro Açoriano”, no Funchal, em 1951, pelo impulso de Rogério Correia¹⁸ e de Maria Mendonça, os mesmos organizam a “Semana do Livro Madeirense”, em 1953. É também nesse período que é criada a primeira Casa Editora na Madeira, a “Eco do Funchal” por iniciativa da açoriana Maria Mendonça. A mesma agente ergue em Lisboa, em 1954, aquando da 24.ª Feira do Livro, o pavilhão do “Livro Insular” que ocupou lugar de destaque.

O público nacional ficou assim a saber que a “literatura insular” era uma realidade tangível. De tudo isto fica a ideia de que uma tomada de consciência cultural autónoma se perfilava nos horizontes ilhéus.

Em suma, serão estes os pólos aglutinadores em que se desenvolveram os elementos embrionários de um processo literário descontinuado e até então pouco consistente, como observou Herberto Helder, no ensaio “A Actividade Literária Madeirense”, publicado no *Voz da Madeira*, em 1954.¹⁹

Ao edificar-se à margem dos principais lugares de produção e de difusão situados no Continente, quer em edição de autor, quer em edição patrocinada por instituições do Poder Local, ignoradas pelas instâncias decisivas de consagração, a “literatura madeirense” mantém-

¹⁷ As primeiras edições são promovidas pelo Eco do Funchal, as seguintes pelo Ateneu Comercial do Funchal, sob a orientação de César A. Pestana.

¹⁸ Rogério Óscar Mota Correia (1908 – já falecido) foi quadro superior da Madeira Wine Association, Lda. Homem de cultura, teve várias iniciativas que promoveram o livro e a literatura insulares. Considerado no seu tempo como um inspirado poeta lírico, publicou o opúsculo *Visão do Céu* (1949). Pertenceu à tertúlia ritziana e participou no volume colectivo *Arquipélago* publicado em 1952. Tem colaboração vária na imprensa regional e terá deixado inéditos livros de poesia e prosa, tais como *Chuva de Estrelas e Vitrais*.

¹⁹ Cf. Herberto Helder, “Actividade Literária Madeirense” (*Voz da Madeira*, Funchal, 13-11-1954); “Actividade Literária Madeirense. Um Livro de novelas” (*Voz da Madeira*, Funchal, 27-11-1954); “Actividade Literária Madeirense. Um Livro de novelas [Continuação]” (*Voz da Madeira*, Funchal, 4-12-1954).

-se marginal e frequentemente pouco conhecida das comunidades de que é a voz. De onde a sorte pouco auspiciosa do escritor que publica na Madeira: escrever e publicar na periferia condena os autores a serem marginalizados no seu reconhecimento.

Prova disso é o facto de, antes do 25 de Abril, a crítica institucionalizada do Continente não a situar na então designada “Literatura Ultramarina”, pelo motivo de a Madeira e os Açores serem territórios com “ilhéus de cepa europeia”, e já depois do 25 de Abril, continuar a não considerá-la, por desinteresse ou por desconhecimento, nos mapas dos espaços literários possíveis na cultura nacional,²⁰ ausente que está, por exemplo, dos ensaios sobre literaturas regionais.²¹

Através da estratégia dos concursos e dos contactos com agentes do continente, feitas as provas do talento e da afinidade intelectual, autores da periferia têm procurado dinamizar a actividade literária regional e, ao mesmo tempo, alcançar o centro em razoáveis condições de reconhecimento institucional. Ora o autor madeirense tem de procurar uma editora de envergadura nacional, custeando, do seu próprio bolso, parte da edição; ora organiza ou participa em colectâneas que reúnam escritores de lá e de cá, com o apoio de um patrocinador. Uma terceira hipótese será uma instituição pública da região autónoma proporcionar ao autor da ilha um contrato com uma grande editora, por meio de um convénio com esta, ao assegurar a compra de um determinado número de exemplares. Em todo o caso, o esforço quase sempre tem que ser custeado pela instância periférica insular.²²

²⁰ É certo haver uma entrada intitulada “Madeira” no *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, 4.ª edição, 2.º volume (Porto: Figueirinhas, 1990), pp. 592-593. Contudo, o breve artigo apresenta apenas alguns dados factuais sobre a produção literária insular e outras tantas achegas sobre a Madeira como tema na literatura nacional.

²¹ Fernando Figueiredo, “Especificidade, Autonomia e Identidade Cultural: a Literatura no Arquipélago da Madeira” (Santiago de Compostela, *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, 2005), no prelo.

²² O reduzido impacto que os projectos editoriais lançados a partir da ilha costumam ter, por falta de capacidade na divulgação e na distribuição dos livros a nível nacional, é tema recorrente nas entrevistas que os autores residentes na Madeira concedem na imprensa local.

Algumas exceções haverá, evidentemente. Escritores como António Aragão, Ana Teresa Pereira, Maria Aurora Carvalho Homem ou Margarida Gonçalves Marques conseguiram, continuando a viver na ilha, ser reconhecidos no centro. Porém, escritores como Herberto Helder, José Agostinho Baptista e Tolentino Mendonça, despontando para a literatura no espaço literário madeirense, só se revelaram ao país depois de terem saído da ilha e de serem legitimados pelos círculos literários de consagração do Continente.

Regra geral, o destino dos autores da periferia é o de tentar inverter a ilegitimidade que pesa sobre eles. Resta-lhes, então, a escolha entre duas atitudes: colocar-se em situação de discípulos ou transformar a sua marginalidade em vantagem.

Aqueles que optarem pela segunda via, a da reconversão, correm todavia o risco de criar um ghetto cultural. A acontecer, reféns do rótulo “literatura madeirense”, terão de se contentar com o circuito das feiras do livro, das casas da cultura e das escolas²³ da Região, quando estes não lhe são vedados. Sem negar a terra natal, a sua pluralidade, dimensão e tendência contraditórias não deverão ser transformadas no ícone domesticado que a comunidade de origem por vezes reclama.

Em todo o caso, é certo haver um imaginário insular nas expressões literárias e plásticas de produtores-artistas madeirenses. É a partir das experiências e das carências da ilha que projectos (culturais, políticos e económicos) se desenvolvem, naturalmente, contribuindo para a sua fixação no imaginário contemporâneo e para a criação de uma “comunidade semiótica”, e não apenas “interpretativa”, segundo o conceito que Frias Martins²⁴ adopta de Charles Peirce.

Também é verdade que sem leituras heterogêneas e esclarecidas, sem uma crítica literária, atenta, isenta e informada, os livros de autores madeirenses não podem valorizar-se como os de confrades seus de

²³ Foi-nos possível aferir que são cada vez mais os professores de Literatura Portuguesa do Ensino Secundário, incentivados pela Política de Educação levada a cabo nestes últimos anos na Região, a proporem aos seus alunos trabalhos de descoberta e de pesquisa em torno dos autores da Madeira.

²⁴ V. Manuel Frias Martins, “Between solitude and multitude”, *Em Teoria (A Literatura) / In Theory (Literature)* (Porto: Âmbar, 2003), pp. 205-219.

outras regiões. A tendência para o mútuo elogio de outros tempos e a relutância que os intelectuais da ilha mostram hoje em fazer apreciações entre si são atitudes simplesmente contraproducentes. Na verdade, o meio literário, na Madeira, está ainda destituído de uma recepção crítica cuja problemática se coloque em termos de autenticidade ou de critérios descritivos e reflexivos.

Ao pensarmos na literatura mais como expressão cultural do que expressão artística, ao pensarmos nela mais como palco de gestos e de afectos do que textos investidos de poéticas e visões do mundo, vale a pena fazer um exercício de análise paratextual e de observação de dispositivos editoriais para tentar compreender factos despercebidos que se prendem com a definição do espaço literário madeirense.

Quer seja seguidista ou original, entendemos que a literatura de produção autóctone é, em si, um bem cujo valor é criado pelo seu modo de inserção nas redes de produção e de legitimação. Neste aspecto, os escritores desenvolvem várias estratégias de reconhecimento: por isso, importa indagar os lastros intertextuais, observar o peritexto editorial e analisar os dispositivos de consolidação do espaço literário em análise.

Mesmo deixando de parte, por razões metodológicas, a análise da iconografia e das artes gráficas na construção do livro²⁵ ou o estudo da recepção crítica das obras e dos autores na Madeira, é ainda assim possível observar a autonomização da comunidade de leitura e, por conseguinte, cultural, no meio literário em foco, através de três prismas: o desígnio geracional, as antologias e os dispositivos conativos e peritextuais. A vocação da figura tripartida é nítida, não só por aquilo que deixa transparecer acerca do modo de se pensar a literatura, mas sobretudo acerca do que é a unidade literária e, por extensão, a

²⁵ Este assunto foi tratado em dois estudos realizados por Fernando Figueiredo e Thierry Proença dos Santos, “Olhando para o rosto dos livros – para uma análise pragmática das capas de livros “madeirenses”: a prosa de ficção no século XX” (*Isleña*, nº 37, Julho-Dezembro 2005) pp. 76-106; “Criações do desejo pelo artefacto literário e artístico – afirmação cultural e renovação dos modos de leitura na Madeira: do século XX ao século XXI” (*Livro de Comunicações do Colóquio “Arquipélagos do Desejo”*, Funchal: Departamento de Cultura – Câmara Municipal do Funchal), no prelo.

autonomia cultural. Condiciona e orienta, evidentemente, a leitura de um dado texto colocado num contexto forjado pelo autor e/ou pelo editor. Obviamente, as edições de autor mantêm-se à margem, apresentam-se como casos isolados, mas não deixam de ser parte integrante de um todo, a que podemos chamar “literatura madeirense”,²⁶ se tomarmos a locução emblemática no seu sentido geográfico e cultural e não como uma pretensa reivindicação política.

1. O factor geracional

A cultura madeirense, no seu sentido elitista, está, desde o último quartel do século XIX, em grande parte associada às folhas literárias dos periódicos e dos cadernos de poesia. Muitos deles tiveram como

²⁶ Se, por um lado, é tão aliciante como pouco operativo, enveredarmos pela definição do conceito, inculcando-lhe alcance transcendental do género: “na literatura madeirense não cabe o simples livro de circunstância madeirense, mas a obra de visão e de vivência madeirense do Mundo”, não é menos inexacto e redutor, pelo outro, defini-la como uma literatura contestadora da literatura oficial dominada pelos grupos do Continente, posicionando-se face ao centro cultural hegemónico pela afirmação do seu carácter insular. Numa perspectiva pragmática e empírica, diremos que por “literatura madeirense” entendemos toda a comunidade, nunca restritiva ou exclusiva, de escritores e leitores que convive ou conviveu no espaço literário resultante de uma forte ligação afectiva e vivencial à ilha da Madeira, como fazem, por exemplo, outros escritores e leitores em torno do romance policial, em torno da poesia erótica, em torno da ficção científica ou política, em torno da literatura “gore” ou de expressão feminina/feminista. Inscrito na esteira de João David Pinto Correia (Cf. *Os Militares e a Literatura Madeirense – Reflexões e Notas*, *op. cit.*, p. 9), concordámos com o sentido que Fernando Figueiredo lhe dá: “Se tomarmos a expressão “literatura madeirense” como um conceito operativo de identificação de obras publicadas no Arquipélago, de autores dele originários ou que por ele optaram como comunidade social e artística, constituiremos um *corpus* mensurável e congruente” (*op. cit.*). Refira-se, ainda, que o conceito era sintomaticamente debatido, desde o início do século XX, no meio dos intelectuais madeirenses: tendo em vista uma compilação de “dados bibliográficos dos poetas antigos e modernos da Ilha da Madeira”, que nunca se realizou, Cabral do Nascimento publicou um artigo intitulado “Literatura Madeirense”, no *Diário da Madeira*, a 18 de Agosto de 1918.

incentivadores um espírito geracional, grupal ou ideológico, características que se mantêm, gerando até acesas discussões: já nos primórdios do séc. XX, houve a “Geração do Cenáculo”,²⁷ designadamente com “o P.º Fernando Augusto da Silva, João Reis Gomes e Alberto Artur Sarmento” (1910-1940). Nos anos cinquenta, constituíram-se a “tertúlia ritziana”,²⁸ nomeadamente com Herberto Helder, Jorge de Freitas e António Aragão, e, em 1958, a “Tertúlia Sem Título (Jornalistas da Madeira)”. Na década de Sessenta surge o grupo geracional do suplemento literário “Pedra”,²⁹ revelando-se no *Comércio do Funchal*, na sua fase dita cor-de-rosa (1967-1973),³⁰ encabeçada por Jorge Vicente Silva, Ricardo França Jardim e Luís Manuel Angélica. No pós-25 de Abril, vem para a linha da frente a geração do movimento

²⁷ Academia e tertúlia literária que perdurou no Funchal de 1910 a 1940. Para mais informações, ver César A. Pestana, “O Cenáculo”, em *A Madeira, Cultura e Paisagem* (Funchal: DRAC, 1985), pp. 29-35.

Na crónica intitulada “Funchal de ontem, Funchal de hoje” (*Diário de Notícias* da Madeira, de 21-08-1982), recorda o escritor Horácio Bento de Gouveia o Funchal do seu tempo de estudante liceal: “Quase em frente do cais, o café *Kit-Cat* tinha a frequência diária dos poetas e jornalistas da época: Jaime Câmara, Feliciano Soares, Carlos Marinho Lopes, João Marinho de Nóbrega, Teodoro Correia e Henrique Pereira (...). / Mas o café que por excelência se distinguia dos demais era o do rés-do-chão do *Golden Gate* (...) onde se viam sentados, tertulizando (...), os vultos de mais fastígio na literatura e no jornalismo da época: Reis Gomes, Comendador Figueiredo, Luís Pinheiro, Dr. João Ferreira, Dr. Elmano Vieira, Francisco Bento de Gouveia, Tenente-Coronel Sarmento e Baptista Santos. A atmosfera intelectual do tempo não apresentava a caquexia que nos anos seguintes se verificou”.

²⁸ Assim se chamava porque se reunia no café-concerto Ritz. Além dos já referidos, pertenciam a esta tertúlia os poetas Florival dos Passos, Carlos Cristóvão, Rebelo de Quental, Rogério Correia e Silvestre Pereira. Da “tertúlia ritziana” saiu, em 1952, o volume colectivo *Arquipélago*, e cerca de dois meses depois *Areópago*, uma paródia pastiche do *Arquipélago*, organizada anonimamente por Jorge de Freitas, em colaboração com Alírio Sequeira, Carlos Camacho e Paulo Sá Braz (V. Maria Mendonça, “evocação”, em *Tela em Branco*, de Jorge de Freitas, 2ª. ed., Funchal: Ilhatur, 1980). Em 1954, vem a público *Poemas Bestiais*, obra colectiva com Herberto Helder, Jorge de Freitas e Carlos Camacho.

²⁹ Teve duas séries: a primeira de 25 de Março de 1965, no *Eco do Funchal*, e a segunda de 22 de Janeiro de 1967, no *Comércio do Funchal*.

³⁰ O primeiro número de *O Comércio do Funchal* impresso em papel cor-de-rosa data de 1 de Janeiro de 1967.

“Ilha”,³¹ com José António Gonçalves, Irene Lucília de Andrade, José Sainz-Trueva e José Laurindo Goes.

A par desses movimentos literários surgiram projectos de revistas culturais de referência tais como *Das Artes e da História da Madeira* (1948-1971) lançada por Luís Peter Clode, *Atlântico* (1985-1989), dirigida por António Loja, *Islenha*, iniciada em 1987 com Nelson Veríssimo e *Margem 2* (desde 1993, 2ª. série), coordenada por Maria Aurora Homem, revistas em que a história cultural da ilha passa a ser estudada.

No que à narrativa de ficção diz respeito, podemos verificar que nos idos de quarenta, na senda de um Reis Gomes, surge uma geração de ficcionistas, a saber, Carlos Martins,³² Ricardo N. Jardim, Horácio Bento e João França, que apostam na narrativa de ficção com forte cunho regionalista e que, quase nunca se encontrando, seguindo caminhos divergentes e cultivando cada qual um estilo que lhe é próprio, parecem comungar do mesmo propósito artístico e cultural: o de constituir uma história, uma memória, uma biblioteca, uma identidade cultural forte para as gerações futuras da Ilha.³³

Nos anos noventa, assiste-se, no mesmo campo, ao surto de textos dominados pelo olhar(-se) e dizer(-se) no feminino, embora de autoras de gerações e de experiências de vida bem diferentes: Margarida Gonçalves Marques (1929), Helena Marques (1935), Maria Aurora Carvalho Homem (1938), Irene Lucília Andrade (1938), Ângela Caires (1939), Guilhermina da Luz (1947), Ana Margarida Falcão (1949), Ana Teresa Pereira (1958), Lília Mata (1967) e Laura Moniz (1967).

Para lá da proximidade etária, cada geração cultural comunga de interrogações e de expectativas, o que tem conferido a cada uma delas uma forte coesão, traduzida num património de afectos e num projecto

³¹ Laurindo Goes, “Ilha, quem és tu?” (*Islenha*, n.º 31, Jul.-Dez. 2002), pp. 189-202.

³² Para mais informação biográfica, ver o artigo “O aventureiro mais famoso da cidade: Carlos Martins descreve como *virou meio Funchal*”, de Eberhard Axel Wilhelm (*Islenha*, n.º 12, Jan.-Jun. 1993), pp. 145-160.

³³ Ler, por exemplo, Paul Ricœur, *Temps et récits III. Le temps raconté* (Paris: Seuil, 1985), em que o autor esclarece o seu ponto de vista sobre a função comunicativa das narrativas: é no recontar as histórias que se funde uma comunidade, construindo assim uma identidade.

cultural comum, com vista a manifestar criatividade e afirmação de inteligência, bem como a dar mais espaço metafísico à limitada vida insular.

2. O “efeito antológico”

Como observa Jean-Marc Moura, a quem pedimos emprestado o subtítulo,

a antologia é um meio dinâmico para construir o *locus* de enunciação de uma obra. Convida à descoberta de um movimento literário e cultural que se apresenta na sua coerência até então negligenciada.³⁴

Na Madeira, o reconhecimento do facto literário local encontra-se ligado ao fenómeno de projectos antológicos que surgem no último quartel do século XIX. É, no entanto, a partir de meados do século XX até aos nossos dias que surgem as propostas mais convincentes, arrojadas ou críticas: *Lugares Selectos de Autores Portugueses que Escreveram sobre o Arquipélago da Madeira* (1949)³⁵ e *A Madeira* (1958),³⁶ livros editados por Cabral do Nascimento, os cadernos de poesia *Arquipélago* (1952) e *Poemas Bestiais* (1954), ambos por iniciativa de Jorge de

³⁴ Cf. “L’anthologie est un moyen dynamique de construire le lieu d’énonciation d’une œuvre. Elle invite à la découverte d’un mouvement littéraire et culturel qu’on présente dans sa cohérence jusqu’alors négligée”, Jean-Marc Moura, *Littératures francophones et théorie postcoloniale* (Paris: PUF, 1999), p. 115.

³⁵ Cabral do Nascimento, *Lugares Selectos de Autores Portugueses Que Escreveram sobre o Arquipélago da Madeira* (Funchal: Delegação de Turismo da Madeira, 1949).

³⁶ João Cabral do Nascimento, *A Madeira*, introd., select. e notas (Lisboa: Liv. Bertrand, 1958). Na “Introdução” à selecta com trechos em prosa e verso de diversos autores maioritariamente continentais, escreve o antologista: “No respeitante à etnografia, folclore e restantes particularidades regionais que a uns e outros mais impressionaram, falam os depoimentos dos autores seleccionados, todos reflectindo o fascínio que neles exerceu uma ilha cuja reputação já parece lendária. É uma documentação que ao mesmo tempo faz parte da literatura portuguesa: mais um motivo de glória para a terra que a inspirou” (p. IX).

Freitas, *Búzio* (Porto, 1956), custeado por António Aragão, *A Musa Insular* (1959),³⁷ de Luís Marino, *Movimento* (1973)³⁸ e *Da Ilha que Somos* (1977), orientada por A. J. Vieira de Freitas, as colectâneas do movimento *Ilha* (1975, 1979, 1991 e 1994), dirigido por José António Gonçalves, as antologias de narrativas, quer as de Nelson Veríssimo,³⁹ quer a de António Fournier.⁴⁰ Todas estas iniciativas serão marcos fundamentais para se poder ajuizar da produção literária na ilha.

No caso do florilégio rematado por Cabral do Nascimento, que dá amplo espaço aos autores continentais consagrados que descreveram a Madeira, não se pode afirmar que tal estratégia não tenha contribuído para a instalação da cenografia literária local, visto a literatura ser um discurso cuja identidade se constitui através da negociação do seu direito a vir ao mundo, da aprendizagem a enunciá-lo com a sua própria voz. Assim se prepara a “terra-voz”, para atingir a palavra literária. Além disso, convém notar, com Ana Isabel Moniz e Ana Margarida Falcão, em “Singularidades de um Projecto Insular”,⁴¹ que “[t]ambém se encontram nomes consagrados da literatura a par de autores desconhecidos do grande público, o que constitui prática editorial pouco frequente, talvez apenas justificada por um sentimento de comunhão ou de pertença insular.”

Na verdade, estas antologias literárias colocam o problema da definição da “literatura madeirense”, instituindo quadros de referência que ajudam a traçar a geografia literária da Madeira. Nestes filtros

³⁷ Luís Marino, *A Musa Insular: Poetas da Madeira* (Funchal: Eco do Funchal, 1959).

³⁸ *Movimento: Cadernos de Poesia e Crítica* (número único, org. A. J. Vieira de Freitas), com António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Pedro Tâmen, José Bento, A. J. Vieira de Freitas, José António Gonçalves, José Agostinho Baptista e Gualdino Avelino Rodrigues.

³⁹ Nelson Veríssimo, *Narrativa Literária de Autores Madeirenses da Madeira – Séc. XX: Antologia* (Funchal: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração / DRAC, 1990) e *Contos Madeirenses: Antologia* (Porto: Campo das Letras, 2005).

⁴⁰ António Fournier, *Nostalgia dei Giorni Atlantici* (Asti: Scritturapura Editore, 2005).

⁴¹ Ana Isabel Moniz e Ana Margarida Falcão, “Singularidades de um Projecto Insular” (Santiago de Compostela, 2005: *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*), no prelo.

se revelam a mobilidade das linhas de demarcação, movimentos e estratégias, o *locus* da enunciação e a perspectiva do olhar, a sua unicidade e a sua especificidade. Quer isto dizer que, como adianta António Fournier⁴² relativamente à antologia *Contos Madeirenses*, a maioria das recolhas acima referidas “permite continuar um diálogo aberto com vista ao aprofundamento do conhecimento do [...] imaginário literário [madeirense], relativizando juízos fundados em conclusões parcelares”.

Em suma, esses filtros materializam a “crise de desenvolvimento” desta cultura de configuração insular e regional.

A título heurístico, podemos distinguir cinco tipos de antologias afectas às letras que a Madeira inspirou: panorâmica, de intervenção cultural, epocal, temática e consagradora. Se é certo haver entre elas intersecções na intenção, o que nos interessa realçar é a tendência dominante que há em cada uma delas.

A antologia panorâmica comporta uma intenção crítica, com alcance didáctico e configura as dimensões de memória e de prospecção. Trata-se de constituir uma antologia do essencial com vista a fornecer uma amostra dos textos mais densos, originais e belos escritos por autores ligados à Madeira, divulgar um saber e uma reflexão modernas sobre a literatura recente e de hoje, disponibilizar informação histórica e literária. Trata-se ainda de provar a existência de um *corpus* literário, sendo que a compilação selectiva produz um duplo sentido: cria-se um florilégio literário e uma literatura (até então não reconhecida como tal). Este procedimento releva tanto da história literária, cujo conhecimento é indispensável para balizar as grandes etapas da literatura em questão, como da análise temática, que permite decifrar e gizar as orientações fundamentais em torno das quais se estrutura o imaginário dos escritores madeirenses: *A Musa Insular*, os dois volumes da *Antologia Literária: Madeira* (sécs. XV e XVI e sécs. XVII e XVIII, respectivamente),⁴³ a

⁴² António Fournier, “Uma estrada em Liliput” (*Tribuna da Madeira* – secção da Cultura, 30 de Dezembro 2005), pp. 4 e 5.

⁴³ Compilada por Ângela Borges, Isabel Stephane e Rui Carita (Funchal: Secretaria Regional de Educação, 1986).

Narrativa Literária de Autores da Madeira: séc. XX,⁴⁴ *Poetas da Ilha – Olhares atlânticos*⁴⁵ e os *Contos Madeirenses*.⁴⁶

As antologias de intervenção cultural têm como objectivo tentativas para mobilizar os artistas das letras e das artes num projecto colectivo em torno da expressão artística e que, de algum modo, ajudam a legitimar a criação insular: *Arquipélago* (1952), *Movimento* (1973), *Da Ilha que Somos* (1977), as colectâneas do movimento *Ilha* (1975, 1979,⁴⁷ 1991 e 1994), *Poet'Arte 90* (1990) e *Vers 'Arte 91* (1991).⁴⁸ Não deixando de ser uma antologia panorâmica, incluímos nesta categoria a colectânea *Pontos Luminosos – Açores e Madeira*,⁴⁹ porque lança pontes entre as Ilhas e o Continente, com selecção de textos de Urbano Bettencourt e de Maria Aurora Homem, e organizada por Diana Pimentel.

A antologia epocal reúne textos de autores vivos, pelo menos até à data da organização da selecta, com o intuito de desenhar o mapa literário de um determinado período. Tal iniciativa pode incentivar a produção de textos inéditos. Nesta categoria consideramos as seguintes monografias: *Narrativas Contemporâneas da Madeira*, bilingue (português/francês), que reúne narrativas breves de autores madeirenses publicadas entre 1987 e 1997, coordenado por Thierry Proença Santos (1997),⁵⁰ *Poeti*

⁴⁴ Nelson Veríssimo, *op. cit.*

⁴⁵ “Os Olhares Atlânticos”, organizada por José António Gonçalves (um mês de cultura madeirense em Lisboa, Biblioteca Nacional, 1991, com exposições, debates, mostras de pintura, livreiras, musicais, etc.).

⁴⁶ Nelson Veríssimo, *op. cit.*

⁴⁷ V. Horácio Bento de Gouveia, “Poesia Madeirense – estreia de *Ilha*” (*Diário de Notícias* do Funchal, 27-01-1980).

⁴⁸ Estes últimos dois projectos foram editados por iniciativa da Associação de Escritores da Madeira.

⁴⁹ Cf. *Pontos Luminosos – Açores e Madeira: Antologia de Poesia do Século XX*, com organização de Diana Pimentel e selecção de Maria Aurora Carvalho Homem e de Urbano Bettencourt (Porto: Campo das Letras, 2006). A selecta reúne textos de 21 poetas dos Açores e de 21 poetas da Madeira.

⁵⁰ M^a Isabel M. Baião dos Santos, João-Paulo F. Tavares e Thierry Proença dos Santos, *Narrativas Contemporâneas da Madeira / Récits contemporains de Madère*, bilingue/francês (Funchal: Secretaria Regional da Educação, 1997).

Contemporanei dell Isola di Madera com organização e tradução de Giampaolo Tonini e texto introdutório de José António Gonçalves (2001)⁵¹ e, finalmente, *Nostalgia dei Giorni Atlantici*, organizado por António Fournier (2005).⁵²

A antologia temática: *Lugares Selectos de Autores portugueses que escreveram sobre o arquipélago da Madeira* (1949) e *A Madeira* (1958), curados por Cabral do Nascimento; *O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses* (1989),⁵³ sob a direcção de José António Gonçalves; *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira* (2002),⁵⁴ com selecção e apresentação de José Viale Moutinho.

A antologia consagradora: é a monografia elaborada por uma autoridade intelectual que se propõe compor, seguindo ou não uma determinada linha temática, um florilégio do que melhor produziu o autor em foco. Inscrevem-se nesta categoria os *Versos do “Feiticeiro do Norte”*,⁵⁵ *Rimas de Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)*,⁵⁶ e *Baltazar Dias – Autos, Romances e Trovas*,⁵⁷ coligidos por Alberto Figueira Gomes, os livros de crónicas de Horácio Bento de Gouveia, publicados postumamente, e a “antologia poética” de José António Gonçalves, intitulada *Arte do Voo* (2005),⁵⁸ organizada por António Fournier.

⁵¹ Giampaolo Tonini e Sílvio Castro, *Poeti Contemporanei dell Isola di Madera* (Veneza: Centro Internazionale della Gráfica, 2001).

⁵² António Fournier, *op. cit.*.

⁵³ José António Gonçalves, *O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses* (Funchal: SRTCE, 1989).

⁵⁴ José Viale Moutinho, *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira* (Porto: Edições ASA, 2002).

⁵⁵ Alberto Figueira Gomes, *Versos de Manuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte)*, com prefácio e notas (Funchal: s.n., 1959), Sep. da *Voz da Madeira*.

⁵⁶ Alberto Figueira Gomes, *Rimas de Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)*, com prefácio e notas (Funchal: s.n., 1958), Sep. da *Voz da Madeira*.

⁵⁷ Alberto Figueira Gomes, *Baltazar Dias – Autos, Romances e Trovas*, com introdução, fixação de texto, notas e glossário (Lisboa: I.N./C.M., 1985).

⁵⁸ José António Gonçalves, *Arte do Voo – Antologia Poética* (V. N. de Gaia: Editora Ausência, 2005).

As antologias de configuração regional⁵⁹ têm uma dimensão pragmática que permite a uma literatura existir para os públicos, neste caso, o madeirense e todo aquele que tiver nisso interesse. Repositório da memória colectiva, as antologias relacionam, ainda, a criação literária com uma comunidade cultural, sugerindo então uma certa leitura dos textos que pode influenciar a cenografia das obras por vir.

Assim sendo, as antologias realizadas por instâncias autóctones testemunham a afirmação de autonomia cultural, ao prescindir tutelas de outros centros em matéria de crítica literária local.

3. Outras afinidades literárias: prefácios, conexões e colecções

A instância paratextual é, sem dúvida, característica fundamental na configuração de qualquer identidade literária. Constrói e define um discurso artístico, esboça e projecta a imagem do livro e, por meio dessa imagem, torna possível a ocorrência dos processos de identificação por parte do receptor.

Verifica-se, no espaço literário madeirense, o exemplo de certa confraternidade cuja manifestação está, não raro, patente no dispositivo paratextual. Neste registo, o discurso crítico expressa-se, frequentemente, quer nos prefácios alógrafos que participam de uma estratégia de legitimação no quadro da confraternidade literária – havendo muitos autores da ilha prefaciados por escritores conterrâneos⁶⁰ – quer nos prefácios autógrafos em que autores definem elementos

⁵⁹ Atendendo à sua natureza de antologia de participantes nos encontros internacionais de poesia para debater questões universais, não consideramos aqui as antologias poéticas *Poesia no Porto Santo*, apesar de se realizarem na Região Autónoma da Madeira com o patrocínio exclusivo da Secretaria Regional do Turismo e da Cultura/DRAC e o apoio do PEN Club Português.

⁶⁰ Tal afirmação não exclui o facto de haver muitos livros de escritores madeirenses prefaciados por reconhecidas figuras literárias de Portugal continental: por exemplo, uma carta de Luzia faz de texto de acompanhamento a *A Ponte sobre o Rio*, de Ricardo Jardim, Aquilino Ribeiro prefaciou a estreia de Horácio Bento, com o romance *Ilhéus*, e a de João França, com o livro de contos *Ribeira Brava*, Fernando Namora prefaciou *Poesias Completas* (1967) de João de Brito Câmara e

da sua poética. Assim, não admira que a peritextualidade (badanas, contracapas, preâmbulos) defenda frequentemente uma arte comprometida na construção da identidade regional, advertindo o leitor para as especificidades que se diferenciam das asserções do centro hegemónico cultural: “descentralização”, afirmação cultural, confiança na criatividade da comunidade madeirense, defesa das próprias raízes são palavras de ordem que se repetem em muitas dessas iniciativas editoriais.

É de referir, ainda, que muitos dos livros de autor madeirense são dedicados a nomes sonantes do meio cultural ilhéu. A dedicatória comprova, pois, a amizade e o reconhecimento por aquele a quem se destina a mesma. No caso da poética de José António Gonçalves, o “argumento da amizade” é mesmo um dos elementos constitutivos da motivação e do “balancear” da sua “lírica eloquente”, como observa Ernesto Rodrigues.⁶¹

Tal campo de observação permite definir a teia das relações entre os intelectuais madeirenses. No que se refere aos sécs. XX e XXI, os autores mais solicitados serão Cabral do Nascimento, Jaime Vieira Santos, Luís Marino, Alberto Figueira Gomes, Horácio Bento de Gouveia, Maria Mendonça, António José Vieira de Freitas, José António Gonçalves, João França, João David Pinto Correia, José de Sainz-Trueva, José Viale Moutinho, Maria Aurora Carvalho Homem, Nelson Veríssimo, Ana Margarida Falcão, Irene Lucília Andrade, João Rui de Sousa, Francisco Fernandes e António Fournier.

Além do enredo das dedicatórias, verifica-se, nalguns casos, a presença de autores, nas epígrafes (a expressar uma comunhão de interrogações ou uma reverência) ou mesmo referenciados nos textos de uns e de outros. Neste aspecto, convém notar que Herberto Helder, José Agostinho Baptista, Tolentino Mendonça ou, com menor frequên-

Natália Correia “amadrinhou” o caderno *Ilha 2*. Vejam-se, ainda, *XXIII poemas de ilhamar* (1986), de Carlos Nogueira Fino, com apresentação de Graça Athouguia; *Os Dias Contados* (1990), de Tolentino Mendonça, com posfácio de João Miguel Fernandes Jorge; *Os Açúcares ou o Ruído do Silêncio* (1995), de João Dionísio, com prefácio de Ernesto Melo e Castro; *Contos de Embarcar* (2002) de Lília Mata, com prefácio de José Luís Peixoto.

⁶¹ V. Ernesto Rodrigues, “Na fronteira madeirense: José António Gonçalves”, in *Verso e Prosa de Novecentos* (Lisboa: Instituto Piaget, 2000), pp. 107-108.

cia, A. J. Vieira de Freitas,⁶² são instâncias bastas vezes citadas ou evocadas, o que prova a influência que exerceram ou exercem sobre autores na Madeira desde os anos oitenta-noventa.

Não é de todo irrelevante anotar que muitos desses elementos peritextuais constituem uma fonte de informação não negligenciável para o estudioso que pretenda elaborar ou aprofundar a história literária da ilha.

Na óptica da relação autor-leitor, podemos observar estratégias de conquista de público que revelam a dificuldade de contacto, entre o escritor e os seus destinatários. Tal situação parece resultar da existência de vários obstáculos de ordem material e psicológica. Propõem-se, então, jogos de reconhecimento, de diálogo, de surpresa e de provocação com vista ao estabelecimento de conivências. Alguns destes desafios residem no texto literário, como acontece em obras de Horácio Bento ou de Carlos Martins, ao inscreverem-se no romance de chave e ao colocarem a entidade autoral, ainda que num plano secundário, nos seus próprios enredos como personagem de ficção (jogo de auto-representação do seu autor). Porém, é, preferencialmente, na estrutura do livro, enquanto artefacto físico, e no espaço peritextual que se cria a “desejada circunstância de comunicabilidade”, como enuncia Irene Lucília, um lugar efectivo de partilha: ora se procura estabelecer uma relação de cumplicidade, personalizada, dando ao leitor o contacto do autor, como faz a referida escritora em *Protesto e Canto de Atena* (2001), ora se oferece um campo de interactividade, ao incluir textos de leitores-amigos sobre o tema principal da obra, como sucede em *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004) da mesma autora, ou ainda deixando umas folhas em branco no final do livro, para que nele se inscreva e participe o leitor, à semelhança do que Guilhermina da Luz⁶³ propõe. Este espaço de partilha pode ainda advertir, ironicamente, para os perigos da leitura do livro que deu à estampa, como ensaia Teresa Klut.

⁶² Cf. *Simbiose: poemas & ilustrações* (Funchal: SRTC-DRAC, 1988), de Carlos Nogueira Fino e Celso Caires, com uma epígrafe de A. J. Vieira de Freitas.

⁶³ Cf. *Seis Histórias Sem História* (Funchal: CMF, 1995) e *Corpos de Penumbra* (Funchal: CMF, 1996).

Ao propor um espaço de diálogo com o leitor, o livro “madeirense” implementa, deste modo, uma estratégia de interacção que procura cativar o interesse do leitor e fidelizá-lo. Cabe ao escritor ou ao editor, senão a ambos, (re)inventar esse jogo de atracção.

Relativamente ao estratagema da colecção, o que parece óbvio é que se tornou um mecanismo de promoção / filtragem, com finalidades tanto simbólicas como económicas. Ao integrar uma colecção que regula, canaliza e modifica o contexto de leitura, uma obra pode perder, de algum modo, o alcance da sua ideia inicial como, seguidamente, a sua singularidade. Mas, ao posicionar o seu texto num conjunto maior com o qual é identificado, ganha uma identidade e uma função bem definidas na comunidade que a acolhe.

Por isso, se a colecção é um meio de fidelizar os leitores, no meio insular madeirense, responde à necessidade cada vez mais evidente de constituir organicamente uma literatura literária e artística.

No caso da bibliografia madeirense, é de salientar a bem conseguida colecção de literatura infantil “Canoa”,⁶⁴ da editora Ilhatur pertencente à empreendedora Maria Mendonça.⁶⁵

Não podemos deixar de mencionar o voluntarismo de José António Gonçalves (1954-2005) que, com os seus vários projectos editoriais, deu frutos. Falamos dos “Cadernos Ilha” (doze números publicados desde 1988), dos dois números de “Prosas da Ilha”, outro tanto com “A Memória das Palavras”,⁶⁶ bem como dos “Livros de Cordel” com dez números, alternando poetas da ilha e de Portugal continental. Registamos também, “Terra à Vista”, na Editora Regionalista da Madeira “Arguim”, com cinco números, incluindo autores como Francisco Fernandes, Laura Moniz e Lília Mata.

⁶⁴ V. Irene Lucília, *Histórias que o Vento Conta* (nº 1, 1979); Luiza Helena, *Mimi e os Sapatinhos* (nº 2, 1979); Maria do Carmo Rodrigues, *Camélias Brancas (novela infantil)* (nº 3, 1980) e António Marques da Silva, *Os Anjos Descem (poesia da infância)* (nº 4, 1981).

⁶⁵ Ana Isabel Sousa, *Maria Mendonça, Uma Mulher sem Medo* (Açores: Câmara Municipal do Nordeste, 2001).

⁶⁶ Cf. *Única*, de Dórdio de Guimarães e *A Ilha de Circe*, de Natália Correia.

A Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC/SRTC) que, desde a sua criação em 1978, mantém uma regular política de apoio à edição cultural, ao publicar ensaios, estudos, antologias, literatura, tem trazido a público obras com elegante linha gráfica do artista Eduardo de Freitas.⁶⁷

Entre outras pequenas editoras,⁶⁸ como a Editorial da Madeira e a Editorial O Liberal, cabe uma nota referente à Editorial Calcamar, com as suas colecções facilmente reconhecíveis pelas roupagens identificadoras (a série “oitocentos”, a “novecentos” e a “Lugares pitorescos”) e à intrigante “Vale de Amores /// Editores”, de João Dionísio, com a sua colecção “Poesia”, comportando quatro números.

A colecção mais bem sucedida, que não pára de crescer e susceptível de atingir um público também continental, é, sem sombra de dúvida, a denominada “Autores da Madeira” com doze números e editada com a chancela da Campo das Letras. Conduzida por Maria Aurora Carvalho Homem, os livros da colecção, desdobrada em poesia, contos, romance, teatro e ensaio, são acima de tudo um convite à leitura e à viagem imaginária, com o recorte da Madeira em fundo, à semelhança da imagem que encabeça a capa.

⁶⁷ Autodidacta, Eduardo de Freitas tem desenvolvido larga actividade nas áreas do *design* gráfico e da ilustração de livros, nomeadamente nos projectos editoriais promovidos pela SRTC/DRAC. O seu repertório estilístico é diversificado: figuração “neoclássica”, exploração do onírico, abstracção lírica, hiper-realismo, ronda a esfera do *kitsch*.

⁶⁸ Dá Luís Ladeira conta de um projecto editorial que não chegou a ver a luz do dia: “Dos apontamentos que me restam dessa aventura (o lançamento de uma associação cultural que teve um ano de existência – 1983 – Centro de Acção Cultural do Funchal), quase vinte anos depois, recupero uma cândida imagem do CACF. Vejo que nos projectos que então embalávamos estava a criação de uma cooperativa editorial e livreira, para a qual já se configurava uma sigla – CEDILA – um acrónimo que pronunciado à madeirense se confundia com o sinal gráfico “cedilha”, o que parecia adequado. E dos projectos da CEDILA ressalto a edição de uma revista trimestral de poesia e conto, a edição de banda desenhada, de textos ilustrados para crianças e, ainda, de ficção literária. Projectos não faltavam, mas a CEDILA foi um nado morto.” Cf. “Nota de apresentação”, *Estórias da Ilha e do Sufoco* (Lisboa: Edições Colibri, 2001), pp.8-9.

É claro que a maioria dos projectos editoriais aqui referidos está voltada para faixas de consumidores de bens culturais diferenciados, estetas e intelectuais, quando não pensados como tentativa de convencer os agentes influentes no meio literário e artístico a fim de obter deles o reconhecimento. Por isso, é prática comum acrescentar no dispositivo peritextual excertos de referências críticas ao autor e à sua obra. Na verdade, todo este aparelho paratextual reflecte a insegurança do autor/ editor, quanto à sua posição no sistema literário nacional, bem como as tensões existentes entre o universo simbólico – e até linguístico – da região insular e as instâncias de consagração do poder central.

A obra de autores madeirenses contribui, ao construir o seu próprio contexto de enunciação, para a criação de um novo espaço literário. A obra cria assim o seu próprio cenário de enunciação, com base no desenvolvimento de traços formais, de uma poética, de uma motivação ética a que uma comunhão de espírito não está alheia, a partir do qual se poderá estudar as regularidades e rupturas de uma obra relativamente a outra.

Também é certo importar ao poder político regional esta implementação de alicerces no simbólico, consciente que está da necessidade de vitalizar a identidade cultural da comunidade madeirense para se sobreviver num mundo cada vez mais globalizado. O sucesso desta “autonomização processual”,⁶⁹ só a médio ou longo prazo se poderá aferir, mas são muitos os indícios que revelam um interesse crescente na Região e no meio universitário internacional dos lusitanistas por esse património editorial.

* * *

Procurámos contribuir para o inventário dos factos relevantes que enformam o espaço literário madeirense: esboçámos um enquadramento histórico-cultural, traçámos movimentos e projectos editoriais de agentes culturais e observámos alguns discursos paratextuais nos livros.

⁶⁹ Fernando Figueiredo, *op. cit.*.

Embora se aguarde um dispositivo analítico (crítica literária autóctone) que dê conta da produção literária regional e se espere que daí surjam obras-primas “madeirenses”, tem-se assistido ao longo destas últimas décadas a todo um processo de reconhecimento desse mesmo sistema literário que se vai instalando, paulatinamente.

Por outro lado, constata-se que a Madeira tem sido um viveiro de talentos literários e jornalísticos, sendo que alguns se revelaram plenamente no Continente.

O desenvolvimento notável da produção literária local no decorrer do séc. XX, incluindo as obras sofríveis, desiguais e medíocres, convoca processos de análise específicos. Tratou-se aqui de considerar a questão não como um modelo de interpretação, mas de propor novas opções críticas para examinar o seu interesse e a sua validade em relação à noção de “literatura madeirense”, ao estudarmos a maneira como o autor e a sua obra gerem a sua relação com o seu *locus* e o investem segundo um modo particular. Uma literatura existe a partir do momento em que coloca à disposição do leitor um certo número de obras específicas pela sua temática, pela sua escrita, pelo seu enraizamento numa cultura e em modelos em que se inspira (a partilha de referências comuns e do mesmo capital simbólico cimenta a coesão cultural).

No mapa cultural português, a “literatura madeirense” apresenta-se como um subsistema do sistema nacional que reflecte, de algum modo, particularismos decorrentes da sua separação do centro por um passado histórico de experiências e de contactos diferenciados, por uma fronteira natural, o oceano Atlântico, pela ligação que o autor tem com a comunidade insular, legitimadora da sua inserção no *corpus* que ela própria define, ao rever-se ou não nele e, mais recentemente, por uma fronteira político-administrativa, a “Autonomia”.⁷⁰

Embora caldeada em moldes muito semelhantes, a “literatura açoriana”, talvez por comportar agentes qualitativa e quantitativamente mais dinâmicos e organizados, ganhou uma dimensão que a “literatura madeirense” ainda não tem, reforçada pelo novo horizonte que a expressão literária de autores nascidos na diáspora açoriana, nomeadamente nos

⁷⁰ Na senda dos trabalhos de Ana Isabel Moniz e Ana Margarida Falcão, de Fernando Figueiredo e de João David Pinto-Correia.

Estados Unidos e no Canadá, inaugurou. No caso que nos ocupa, são, tanto quanto sabemos, raríssimos os escritores estrangeiros com ascendência madeirense a debater-se com uma dupla identidade.⁷¹

Levada a nossa reflexão a este patamar, parece que a consciência literária madeirense se exprime mais em termos de interrogação que em asserções definitivas. O que não impede de ser um *medium* de apreensão da realidade madeirense e, ao mesmo tempo, de procurar estabelecer os alicerces de uma nova poética.

Contra os factos literários acima apresentados, faltam os argumentos que o discurso crítico sobre a qualidade estética dos textos em causa há-de tecer. Mas isso é outra história se, desta feita, houver uma curiosidade informada e despida de preconceitos para os ler...

⁷¹ Temos, na verdade, a notícia de um escritor, filho de portugueses nas Caraíbas, Trindade, que foi autor de vários livros. Trata-se de Albert Maria Gomes, autor designadamente do romance *All Papa's Children*, 1978, que fala dos emigrantes da Madeira radicados em Trindade, antes da independência. Infelizmente, ainda não tivemos acesso ao livro. Duarte Mendonça trouxe ao conhecimento dos leitores da Revista do *Diário de Notícias*, do Funchal, através do artigo “Romance histórico sobre o Campanário lançado na América” (17 a 23 de Setembro de 2006, pp. 22-25) a recente publicação nos Estados Unidos da ficção intitulada *Black Kestrel – A Story of Madeira* (Boocklocker Books, 2006), de Joseph Donald Silva, luso-americano e neto de madeirense.